



OS CINCO SENTIDOS NAS AULAS DE ARTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: CONSTRUINDO NARRATIVAS VISUAIS

Jéssica Homem Heck¹
Paloma Neves Motta²
Juliana Pereira Guimarães³
Cristiano José Steinmetz⁴

Eixo Temático: Práticas pedagógicas de Iniciação à Docência nos Anos Iniciais e Educação Infantil

O presente trabalho tem como objetivo relatar a experiência de uma ação pedagógica desenvolvida na disciplina de Arte no Centro Educacional Infantil Municipal Santina Dagostin Salvador que atende crianças de 3 até 6 anos e que está localizado na cidade de Criciúma – SC. A ação surgiu com a chegada do Pibid de Artes Visuais na instituição, que movimentou a ideia de elaborar um projeto de ensino e aprendizagem com o tema: “Os cinco sentidos nas aulas de Arte”. Tal projeto tinha o intuito de proporcionar aos alunos da Educação Infantil vivências com as linguagens artísticas, por meio de experiências que desenvolvam os cinco sentidos, bem como a percepção, a imaginação e a expressão nos percursos formativos individuais de cada criança.

De forma geral, temos que as crianças possuem formas peculiares e distintas de se relacionar com os mais variados objetos da cultura. As crianças costumam explorar o mundo vivenciando cotidianamente o mesmo em um sentido ampliado e tal movimento se dá por meio de estímulos diversos sensíveis aos sentidos das crianças que se expressam constantemente. De acordo com Pillotto (2007, p. 19):

Se entendermos o processo de construção de conhecimento da criança pela via do lúdico, do jogo e das relações entre o brincar, abriremos um grande espaço para a arte e suas possibilidades de leituras e interação. Vivemos num mundo

¹ Acadêmica do curso de licenciatura em Artes Visuais e bolsista do Pibid pelo mesmo curso. Email: jessicahomemheck87@gmail.com

² Acadêmica do curso de licenciatura em Artes Visuais e bolsista do Pibid pelo mesmo curso. Email: paloma_neves123@hotmail.com

³ Professora supervisora do Pibid de Artes Visuais da Universidade do Extremo sul Catarinense – Unesc. Email: juperolanegra1@hotmail.com

⁴ Acadêmico do curso de licenciatura em Artes Visuais e bolsista do Pibid pelo mesmo curso. Email: cjs18041993@gmail.com



repleto de sons, formas, cores, materialidades: Como ficar alheio a tudo isso? Como se comunicar sem a expressão do corpo, sem a possibilidade do sentir/ver/ouvir? Como não perceber os cheiros e os sons da natureza, a textura e a cor dos objetos, os espaços culturais? Como construir essas relações a não ser pela via do sensível?

Como um fator fundamental para o desenvolvimento do sensível nos processos formativos, partimos da questão de que a ampliação de repertório artístico e cultural deve ser proporcionado constantemente nas aulas de Arte, no sentido de compreender que o espaço/lugar também pode se colocar como uma potência para novas possibilidades de aprendizagens significativas. Sobre essas possíveis relações com o espaço, Canton (2009, p. 15), de acordo com Anthony Giddens, afirma que nos discursos cotidianos “[...] a palavra “espaço” é utilizada genericamente, enquanto “lugar” se refere a uma noção específica do espaço: trata-se de um espaço particular, familiar, responsável pela construção de nossas raízes e nossas referências no mundo.”

Ainda que apresentemos aqui um resultado parcial, salientamos que, ao iniciar o projeto pelo sentido da visão, iniciamos o mesmo já considerando os diversos sentidos em uma unidade, ou seja, não de forma em que, por exemplo, a visão esteja dissociada da audição. Iniciamos pela visão com o intuito de explorar distintas visualidades e como estas influenciam o modo de *ver* e *estar* no mundo. Uma vez que as imagens estão em toda parte, pode-se fazer de todo lugar no mundo, um *lugar* de experimentação: na sala de aula, na imaginação, no ato criador, na fala, e a partir de tais experimentações, buscase questionar, sensibilizar, transformar etc. Nestes termos, devemos promover o desenvolvimento de um olhar crítico e reflexivo sobre as imagens, ou seja, entendendo-as em seus contextos de forma a questionarmos como nos afetam, como nos provocam e o que comunicam (CUNHA, 2008).

Essa comunicação por meio de imagens implica diretamente na interpretação da realidade, sugerindo comportamentos, estereótipos e elegendo padrões estéticos. De acordo com Hernandez (2007, p. 22) a cultura visual:

[...] converge uma série de propostas intelectuais em termos das práticas culturais relacionadas ao olhar e às maneiras culturais de olhar na vida contemporânea, especialmente sobre as práticas que favorecem as representações de nosso tempo e leva-nos a repensar as narrativas do passado.

Para explorar a construção de narrativas visuais e a ampliação de repertório



imagético das crianças, realizamos diversas ações desde retornar para espaços do próprio cotidiano da instituição para observar em um regime temporal que não se fundamentasse na perspectiva da pressa e da velocidade que ditam o cotidiano de todos.

Para que se desse a prática de uma observação mais atenta pelos alunos foi disponibilizado pequenos binóculos produzidos pela turma com materiais reciclados da própria escola. Deste modo, as práticas de observação não se voltaram somente à realidade escolar da turma, mas também à realidade do próprio bairro no qual a escola está inserida. Objetivamos a prática da observação andando com a turma pelo bairro da escola onde buscou-se dar atenção à pequenos elementos do cotidiano que não são imediatamente percebidos, como pequenas flores, insetos, a textura da madeira e das pedras, nuvens etc. Nestes termos, percebemos as vantagens de trabalhar ludicamente com os binóculos, uma vez que, munidos de tal equipamento, pudessemos trabalhar com o contraste entre um olhar difuso e um olhar focado.

Dentre os lugares visitados pela turma, estava o C.E.I. Zulma Manique Barreto. No dia em que a visita foi realizada, fizemos registros por meio de fotografias e vídeos durante todo o percurso. A turma realizou observações no trajeto até a “escola dos bebês” – assim, descrita pelos alunos. Visitaram os espaços da instituição: berçário, refeitório e o parque, brincaram com outras crianças e compartilharam suas impressões daquilo que avistaram no trajeto até ali. Em outras palavras, construíram suas narrativas individuais e coletivas.

Nos encontros subsequentes foram realizadas atividades de rememoração acerca desta ação, ficando evidente a ampliação do repertório imagético e as construções de narrativas que foram relatadas por meio de suas falas, por exemplo:

- Aluno 1: “A árvore é mais alta que todos nós juntos”.
- Aluno 2: “A textura deste brinquedo é diferente daquele e é diferente da pedra”.
- Aluno 3: “Com o meu binóculos posso ver muitas coisas pequeninhas”.
- Aluno 4: “Eu vi cores que pareciam felizes e cores que pareciam tristes”.⁵

Consideramos por meio do relato dos alunos que, a partir da experiência de

⁵ Estas são as falas de alguns dos alunos que foram registradas durante a atividade e fazem parte do acervo pessoal dos pibidianos. Para preservar a identidade das crianças, optamos por não expor seus nomes e suas iniciais.



construção de narrativas visuais, houve uma ampliação significativa do repertório imagético da turma, pois durante o trajeto percebemos situações como: falas que resultavam de olhares atentos, experiências táteis que expressavam uma apreensão curiosa e cuidadosa de objetos externos, bem como, um senso de união da turma no que tange o compartilhamento das experiências individuais e coletivas.

Essa ação pedagógica demonstrou a importância que a ampliação de repertório imagético tem para o estímulo da imaginação e da percepção das crianças no mundo. Nos termos aqui brevemente expostos, a produção de narrativas visuais não diz respeito a um simples olhar no mundo, mas a um movimento que tende compreender a dinâmica que subjaz as visualidades. Para os bolsistas do programa a possibilidade de exploração dos espaços/lugares mostrou-se como potência no ensino de Arte. Assim, refletimos sobre as diferentes maneiras de se trabalhar para além do espaço da sala da aula, pensando em formas de redescobrir, desenvolver e transformar o olhar da criança sobre o mundo no qual ela vive, sem perder, é claro, a dimensão do lúdico, da brincadeira e da fantasia ao possibilitar que as crianças tragam seu contextos individuais e sociais para o ambiente escolar tornando o processo de aprendizagem mais criativo, significativo e envolvente.

Palavras chave: Cinco Sentidos, Cultura Visual, Arte na Educação Infantil.

Referências

CANTON, Katia. **Espaço e lugar**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009. 71 p.

CUNHA, VIEIRA da. Susana R. . **Infância e Cultura Visual**. In: 31 reunião da ANPED, 2008, Caxambu. Constituição Brasileira, Direitos Humanos e Educação. Rio de Janeiro : Associação Nacional de Pesquisadores em Educação, 2008.

HERNÁNDEZ, F. **Catadores da cultura visual**: proposta para uma nova narrativa educacional. Porto Alegre: Mediação, 2007. 127 p.

PILLOTTO, Sílvia Sell Duarte. **Linguagens da arte na infância**. Joinville, SC: Ed. da UNIVILLE, 2007. 202p.